

Ex.<sup>mo</sup> Sr.<sup>o</sup>

Tenho quasi concluido o trabalho sobre  
os Arbustos do norte de Portugal, que devera  
sahir publicado no proximo "Anuario" da  
Academia Polytechnica do Porto. Como digo  
no prefacio e' uma simples contribuiçao pa-  
ra o estudo dos nossos Arbustos e que tem  
por fim dar a conhecer algumas especies no-  
vas para o nosso paiz e para a ciencia.  
O norte de Portugal e' riquissimo em especies  
de Arbustos, sobretudo nas regioes montanhosas  
do Minho e Traz-os-Montes, onde julgo que  
podem ser descobertas cerca de 30 especies  
bem estabelecidas. A minha excursao que fiz  
em setembro passado vi que as especies são

mitas; era, porém, tarde de mais para as  
colher em condições de serem classificadas. Tu-  
de trazer algumas que menciono no meu  
trabalho; as outras ficam para o proximo  
anno e occuparão especialmente as minhas  
atencões. Espero q. de mais a julho consiga fazer  
a exploração dos Quilus desde a Serra da  
Estrella até a raia do norte. Se v. ex.  
mandar proceder a alguma herborigação u-  
ria conveniente que recomendar a colheita  
dos Quilus, muitos exemplares de cada forma,  
e sempre acompanhados de pedacos de cor-  
das estereis, mas com o maximo cuidado em  
nao fazer misturas de exemplares. E' indispen-  
savel apontar n'um papel a cor das flores  
e os estames, bem como o comprimento d'elles



em relação aos etylletos. Sem esta precaução a classificação dos Rubus é absolutamente impossível, principalmente quando falta o fragmento de caule estéril (fragmento da parte média, provindo da folhagem). É preciso ter cuidado em obter de preferência os exemplares que vivem em condições normais de humidade, luz, etc. bem como os não atacados por doenças parasitárias, que se alteram muito. É assim que o exemplar do Herbario da Universidade classifica e indica pelo n.º Pereira Coutinho como R. micans não passa de uma "diversão" qualquer intrinsecamente coberta por uma epidemia felipiforme produzida pelo ataque do Eriophyes gibbosus, Dal. Este acaro ataca muito, nos lugares húmidos, todas as

espécies (com excepção do R. carinus?) e as partes ataca-  
das sobre a di Sassa felpa, podendo pertencer  
a uma espécie diversa. Uma vista educada sabe,  
porém, distinguir à simples inspecção as pilosidades  
anormais das naturais, sem engano possível.

O Rubus do Maranhão julgo-o espécie nova  
e peço licença a V. Ex.<sup>ta</sup> para o denominar  
Rubus Henriquesi. Como digo creio ser uma  
espécie não descrita; porém as formas in-  
ventariadas são hoje tantas que não posso ter  
a certeza absoluta sem consultar especialistas.  
Pode ser, portanto, que a planta já esteja conheci-  
da e denominada e que este biscoito se não  
possa manter. Não o publicarei sem consultar  
especialistas franceses, o que vou fazer por estes  
dias. Devo dizer que já consultei o sr. Moench

Rogers, de Inglaterra, e por este botânico já  
me escreveu dizendo que era planta intei-  
ramente desconhecida para elle e muito di-  
versa das formas inglezas. Na minha collec-  
ção de Rubus europeus, vejo exemplares de  
Inglaterra, França, Alemanha, Dinamarca e  
Belgica não muito numerosos e conhecidos  
por especialistas autorizados, nada se me con-  
tra para lhe vendiga. A planta é proxima  
dos R. radula ou R. fuscus mas em numero-  
sas d'ellas se não se pode concluir. Devo dizer  
que a subspecie R. disruptus, Mull. me parece  
segundo as descrições mais proxima; en-  
tão, não conheço tal planta. Vou mandar  
exemplares ao sr. Godee e Bouly para que  
os comparem com o R. disruptus, que não sei.

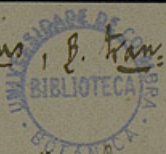
to na lylaturum. Se fôr diversa não me resta  
a menos dúvida de que a planta é inédita.  
O R. radula do Herb. da Universidade pa-  
rece realmente ser o verdadeiro R. radula,  
mas é muito diverso da forma do alu-  
mo. Disculpe-me V. Ex.<sup>ta</sup> o de dizer. Mas  
a planta sem ter ainda entzã absoluta e  
que é nova. V. Ex.<sup>ta</sup> não terá ali o R. Dis-  
ruptus?

No meu trabalho indico apenas as plantas  
que possuem. São 18 espécies, 6 híbridos e  
bastante variedades; algumas destas plantas  
são novas. As espécies são:

"Puberecti": — R. nitidus, B. lusitanicus, Lamp.

"Silvatici": — R. leucandrus, Focke — R. rha-  
nopolitanus, B. australis, Lamp. — R. ma-  
crophyllus, W. W. — R. villicaulis, Led.

"Trivialis": — N. varius L. — N. corollifolius, B. trans-  
missus, Sampa.



"Discoloris": — N. portuensis, Sampa. — N. ulmi-  
folius, Schot. — N. biporus, subsp. n.  
duriminis, Sampa. — N. tomento-  
sus, Mark — N. Callosianus, Sampa. —  
N. hedycaepus, subsp. macroste-  
mon, Focke.

"Spectabilis" — N. leucostachys, Sch. — N. lunita-  
nicus, Dur. — N. Henriquesi, Sampa. — N.  
delicatus, Sampa.

Ditos são nomes provisórios, por não ter absoluta  
certeza no indito das formas, os N. Henriquesi e  
N. delicatus. Os outros estão estabelecidos com abso-  
luto rigor e comprovados por especialistas. Em  
summa, são aqui novas para Portugal os N. nitid-  
us, N. lanceolatus, N. rhannifolius, N. ma-  
crophyllus, N. villicaulis, N. biporus, N. ~~delicatus~~

hedycaepus. Novos para a sciencia: R. postumus,  
R. Balbianus, R. Henriquesi, R. delicatus,  
além de algumas variedades e híbridos.

Não vi ao que se refere o R. fusco-ater indicado  
de pelo m. Murray no Jory e dado como indeter-  
minado pelo m. P. Coutinho. Será o mesmo R. delicatus?  
Não vi nunca a planta de Jory mas a descri-  
ção do m. P. Coutinho differ. V. L. tem essa plan-  
ta? Também ignoro o que seja o R. hirtus do m. P.  
Coutinho e me não creio q. em Portugal haja tal  
espécie, mas a ver, bem como qualquer outra do  
grupo das "Glandulosi". Devo dizer que o Rubus  
de Minvian dado pelo m. P. Coutinho como R. ribesoides  
é o R. lanceolatus, que até agora ali colhi e  
culturei, e onde é abundante. Confere abstracto-  
mente bem tanto com a descripção de Focke no



mas com as variegadas inglesas, determinadas pelo  
proprio Dr. Focke e communicadas por M. Lopez.  
Esta planta confina, como diz Focke, com  
o "Luberecti" e em Curitiba, realmente, offe-  
rece certas formas affinis ao N. mitidus,  
que tambem ali se encontra. O caule  
e os auleos, a inflorescencia e as flores  
nao hem differir do N. sibiricus.

Brevemente mandarei a V. Ex.<sup>a</sup> uma  
colleccao d'estes Arbustos, com excepcao de  
dois, os N. vilheaulii e N. delicatus, e  
que nao tenho ja duplicados disponiveis.

Logo V. Ex.<sup>a</sup> possua o tel N. fusco-  
atius do Jerez em mto. ut. masia poder ser  
minal'o. Se n'o podere mandar podria  
enviar. me junto o N. histus a Trans-



10. Dejevo referir-me a estas plantas  
no meu trabalho. Tambem não furo idios  
do seu tipo o B. colinum citada de Cels  
rio. Segundo a chave do Sr. P. Lantinho deve  
ser uma variedade ou hybrid do B. tomentosum.

Reculpa V. Ex.<sup>ta</sup> esta longa epis-  
tola, que é mais uma narrativa a fim de  
as unites por elle tudo dabo. Vou escrever  
amante ao Sr. Focke propondo troca de  
Arboreas. Tenho ja um de 200 especies de  
estrangeiros, incluindo hybrids.

De V. Ex.<sup>ta</sup>

Com a maior consideração

J. Sampaio

Porto, 16, 14, 1902  
Londres Portugal